



16 FEV 25

RHAPSODY IN BLUE
DE GERSHWIN

**ORQUESTRA METROPOLITANA
DE LISBOA E THOMAS ENHCO**

**ARTES
PERFORMATIVAS
E PENSAMENTO**

Temporada 2024/2025

Centro Cultural de Belém
Grande Auditório
Domingo, 17h00
M/6
Duração aproximada: 70 min.

Programa

CARLOS AZEVEDO (N. 1964)

Beyond Blue (obra em estreia / encomenda CCB) [10']

MAURICE RAVEL (1875–1937)

Concerto para Piano em Sol Maior [23']

Allegramente

Adagio assai

Presto

Intervalo

MAURICE RAVEL

Suíte do bailado *Ma mère l'Oye* (A Minha Mãe Ganso) [18']

Pavane de la Belle au bois dormant (Pavana da Bela Adormecida):

Lent – Allegro – Mouvement de valse modéré

Petit Poucet (O pequeno Polegarzinho): *Très modéré*

Laideronnette, impératrice des pagodes (Laideronnette, A imperatriz dos Pagodes): *Mouvement de marche – Allegro – Très modéré*

Les entretiens de la Belle et de la Bête (As conversas da Bela e do Monstro):
Mouvement de valse modéré

Le Jardin féérique (O Jardim feérico): *Lent et grave*

GEORGE GERSHWIN (1898–1937)

Rhapsody in Blue (versão para piano e pequena orquestra de Iain Farrington) [16']

Piano **Thomas Enhco**

Direção musical **Pedro Neves**

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Foto de capa: Thomas Enhco © Julien Benhamou



***BEYOND BLUE* (ESTREIA ABSOLUTA)**

Beyond Blue pode ser descrita como uma peça que apresenta uma série de episódios que, embora relacionados entre si, não seguem uma narrativa contínua. A música apresenta diferentes atmosferas, criando uma experiência fragmentada e multifacetada. O tema inicial, apresentado pela flauta, revela os intervalos que geram quase todo o material melódico ao longo da peça. Simultaneamente, as cordas apresentam um discurso harmônico modal que caracteriza toda a composição. Durante alguns episódios surgem ritmos rápidos e repetitivos que criam elementos disruptivos, desafiando o fluxo melódico e criando uma dinâmica inesperada. A abordagem não linear de *Beyond Blue* desafia o ouvinte a interpretar a sua própria narrativa partindo dos fragmentos apresentados.

Texto de Carlos Azevedo

CONCERTO DO NOVO MUNDO

Um dos momentos que mais se destaca na biografia artística de Maurice Ravel é a digressão de quatro meses que realizou na América do Norte em 1928. Não são fruto do acaso, portanto, as harmonias do *blues* e os ritmos sincopados do *jazz* que se reconhecem no *Concerto para Piano em Sol Maior*. Assim foi o fascínio do compositor francês pelo Novo Mundo.

Em 1928, Maurice Ravel apresentou-se várias vezes enquanto maestro, pianista e compositor em cidades dos Estados Unidos e do Canadá. Deu entrevistas e conferências, garantindo uma notoriedade pública que também se traduziu no acrescentado prestígio de que passou a gozar em toda a Europa. O *Concerto para Piano em Sol Maior* reporta a esse período. É uma obra que muitos pianistas gostam de tocar, por se tratar de música feita por um compositor que conhecia particularmente bem o instrumento. Nalgumas partes traduz-se num tributo a Mozart e a Saint-Saëns. Noutras sobressaem sonoridades que relacionamos com Gershwin, consequentemente com «notas» de *blues* e de *jazz*.

Foi estreado em janeiro de 1932 na Salle Pleyel, em Paris, com a Orquestra Lamoureux. Para lá do Concerto, Ravel dirigiu também a *Pavane pour une infante défunte* e o *Boléro*. Facto curioso, o restante programa foi dirigido por Pedro de Freitas Branco, a convite do próprio Ravel. O jovem maestro português dirigiu na segunda parte a Suíte n.º 2 de *Daphnis e Chloé*, *La valse* e a *Rapsodie espagnole*. A parte solista foi confiada a Marguerite Long, a mesma pianista que estreara 14 anos antes *Le tombeau de Couperin*.

Inicialmente, Ravel pretendia apenas escrever um *divertissement* para o próprio tocar. Porém, a coincidência temporal da encomenda do *Concerto para Piano para Mão Esquerda*, destinado ao austríaco Paul Wittgenstein, terá contribuído para desviar o rumo da composição, designadamente em função do formato de Concerto. Acabou por propor a sua estreia a Marguerite Long. Anos mais tarde, a propósito da ocasião em que dedilhou pela primeira vez o manuscrito, Long testemunhou um episódio com o qual todos nos poderemos identificar. Referia-se às lágrimas que lhe vieram aos olhos naquele momento em que, a meio do segundo andamento, o piano se abandona em vagas sugestões de arpejos para dar lugar ao corne inglês — ajuda saber que Ravel revelou ter-se inspirado no andamento lento do *Quinteto com Clarinete* de Mozart.

O primeiro e o último andamentos têm um carácter absolutamente contrastante. Traduzem a energia e o entusiasmo que Ravel terá experimentado junto da cena jazzística de Nova Orleães e de Harlem (Manhattan), alternando entre os contratempos do *ragtime* e escalas dolentes emprestadas do *blues*. O último andamento assemelha-se a uma *Tocata* em que o virtuosismo do solista dialoga com uma orquestração exuberante.

A MINHA MÃE GANSO

O título *A Minha Mãe Ganso* faz alusão ao livro de contos publicado por Charles Perrault em finais do século XVII. Trata-se de uma suíte de cinco peças composta por Maurice Ravel entre 1908 e 1910, duas das quais inspiradas em contos que aí se leem e que nos são hoje bastante familiares: *A Bela Adormecida* e *O Pequeno Polegarzinho*. Com origem numa tradição oral que remonta à Idade Média, juntam-se aqui sob a figura lendária da Mãe Ganso, uma mulher do campo que contava histórias às crianças.

Muito embora Ravel também tocasse piano, o seu instrumento de eleição era a orquestra; desde logo enquanto maestro, mas sobretudo enquanto compositor. O seu nome é uma referência incontornável na arte da orquestração. Distingue-se pela utilização meticulosa — por vezes pouco convencional — das qualidades específicas do som de cada instrumento, o que lhe permite construir «enredos musicais» inconfundíveis, explorar a paleta tímbrica como recurso dramático explícito e obter efeitos expressivos que sugerem no ouvinte referências extramusicais, sejam elas reais ou imaginárias.

Ravel compôs estas peças para serem tocadas por duas crianças ao piano, a quatro mãos. Para lá da coletânea de Perrault, inspirou-se igualmente noutros contos, tais como *A Bela e Monstro*, este publicado em França em meados do século XVIII. O sucesso despontou quando as duas crianças dedicatárias, de seis e dez anos, as tocaram em público em abril de 1910 na Salle Gaveau, em Paris. No ano seguinte, rescreveu-as para orquestra. Fez ainda uma adaptação para um bailado que estreou em janeiro de 1912 no Théâtre des Arts, juntando então um Prelúdio e mais uma cena.

Instalam-se assim quadros vivos em forma de som; miniaturas construídas com orquestrações delicadas. Os instrumentos libertam-se de si mesmos. Encarnam animais, cores, cheiros, lugares, estações do ano... histórias de encantar. O registo agudo da flauta contrasta com os *pizzicatti* nas violas d'arco e o unísono das trompas, uma atmosfera tranquila que tão certamente ilustra a *Pavana da Bela Adormecida*. O solo do oboé sobressai sobre cordas abafadas pela surdina nos cenários bucólicos por onde *O Pequeno Polegarzinho* vagueia. O som velado das cordas *sul tasto* (longe do cavalete) sustenta os motivos pentatónicos que se precipitam nos tímpanos, nos xilofones e nos sopros — retrato sugestivo d'*A Imperatriz dos Pagodes*. O som cristalino do clarinete junta-se às cordas numa valsa que ilustra os encontros amorosos da Bela e do Monstro. Com parcimónia, articulam-se num jardim fantasioso a volutuosidade das cordas e breves apontamentos de sucessivos instrumentos. Um verdadeiro tratado de orquestração.

RHAPSODY IN BLUE

Rapsódia Americana — foi este o título provisório de *Rhapsody in Blue*, a obra concertante para piano e orquestra que em 1924 abriu novos caminhos à carreira de George Gershwin e, bem mais importante, também à música dos EUA. Numa época em que o Novo Mundo buscava uma identidade cultural própria, à semelhança do que ocorreu por toda a Europa, a sonoridade do *jazz* impôs-se como a mais genuína expressão musical, alastrando-se às rádios, aos discos e às salas de concertos. Em forma de Rapsódia, e por entre a azáfama dos teatros da Broadway, Gershwin compôs este precioso «caleidoscópio musical da América».

O título *Rhapsody in Blue* não se traduz facilmente, pois faz uso de uma palavra com contornos ambíguos no contexto específico do *jazz*. O sentido literal da palavra «Blue» (Azul) dá nome à disposição afetiva que se distingue nesse género musical que floresceu há pouco mais de um século no seio das comunidades negras dos EUA. Trata-se de um sentimento melancólico que nenhuma outra palavra exprime de maneira convincente — assim como a palavra Fado nos ajuda a apresentar a canção urbana que emergiu nos convívios boémios da Lisboa oitocentista. O termo também se aplica às «Notas Blues», as notas que se desviam ligeiramente da escala diatónica própria da tradição musical clássica europeia — uma nuance que contribui para a sua singularidade. Não por acaso, todos os temas melódicos que se destacam em *Rhapsody in Blue* distendem-se na peculiaridade desta escala.

Conhecer a motivação que trouxe tal sonoridade à Aeolian Hall, uma sala de concertos vocacionada para o repertório clássico, revela-se fundamental para perceber os contornos da obra. A estreia decorreu em fevereiro de 1924 naquela sala nova-iorquina onde, para lá de Rachmaninov e Prokofiev, também se ouvia a Palais Royal Orchestra, a orquestra de Paul Whiteman que tanto contribuiu para a divulgação do *jazz* junto da elite branca. Whiteman procurava conferir ao género um estatuto de respeitabilidade, já que permanecia associado ao estigma de comunidades desfavorecidas e discriminadas. No sentido de demonstrar que esta poderia ser uma prática artística «séria» e sofisticada, promoveu um concerto didático que se propunha fundir os dois universos. O programa anunciava a estreia de um concerto para piano e orquestra de George Gershwin.

Gershwin já era conhecido por difundir o *jazz* na Broadway, mas não tinha experiência em escrever para orquestra. A precipitação do convite obrigou-o a compor em apenas três semanas uma partitura para dois pianos, confiando algumas partes solistas à improvisação do momento. A orquestração foi realizada por Ferde Grofé, o arranjador habitual da Palais Royal Orchestra, na ocasião reforçada com uma secção de violinos — mais tarde, o próprio Grofé fez a adaptação para orquestra sinfónica. Detalhe curioso: o famoso *glissando* inicial que se ouve no clarinete deve-se a um momento de improvisação do clarinetista Ross Gorman no decorrer de um ensaio.

Tratando-se de uma Rapsódia, a sua estrutura distingue-se de um concerto clássico por ter um único andamento composto por uma sequência episódica de ideias contrastantes, o que mereceu o reparo de personalidades tão ilustres como Leonard Bernstein. A natureza algo irregular da obra dá azo à improvisação e a rasgos expressivos exuberantes e inesperados, entre a abundância dos ritmos do *ragtime*. Contrariava assim a ideia de que o jazz era uma música exclusivamente dançável, jogando com os contratempos e os *rubatos*. Sucedem-se assim temas melódicos de grande beleza que prendem a atenção do ouvinte, um dos quais com o lirismo justo para o clímax da obra. Construiu-se a ideia de uma música genuinamente americana, obtendo um sucesso que tornaria possível a Gershwin compor mais tarde obras como o *Concerto em Fá Maior*, *Um Americano em Paris* e *Porgy and Bess*.

Textos de Rui Campos Leitão

Thomas Enhco

Piano

Nascido em Paris em 1988, Thomas Enhco é pianista e compositor de *jazz* e música clássica. Iniciou a sua formação clássica no violino e no piano ainda criança e estudou formalmente no Centro de Música Didier Lockwood e no Conservatório Nacional de Paris. Desde então, alcançou reconhecimento internacional, tendo gravado para as editoras Verve, Deutsche Grammophon e Sony Music, além de dar uma média de 100 concertos por ano em todo o mundo.

Entre as instituições que o convidaram estão os Festivais de Jazz de Tóquio, Montreal, Viena, Montreux, Istambul, Mar do Norte, Nova Iorque, Olympia Hall e salas de concertos como a Filarmónica de Paris, a Ópera de Bordéus, o Flagey de Bruxelas, La Roque d'Or, Anthéron Piano Festival, Shanghai Grand Theatre, Mozarteum de Salzburgo, Théâtre du Châtelet, Beijing Concert Hall, Kyoto Concert Hall ou Sapporo Kitara Hall.

Os seus mais recentes discos enquanto líder são os álbuns *A Modern Songbook* (Sony Masterworks, 2023, gravação ao vivo), *Thirty* (Sony Classical, 2019, piano solo e com orquestra sinfónica no seu próprio *Concerto para Piano* e em composições da sua autoria), *Bach Mirror* (Sony Classical, 2021), *Funambules* (Deutsche Grammophon, 2016, em duo com a virtuosa marimbista Vassilena Serafimova), *Feathers* (Verve, 2015, em piano solo) e *Fireflies* (Label Bleu, 2012, com o seu trio de *jazz*). Como pianista de *jazz*, Thomas Enhco apresenta-se sobretudo em piano solo, em trio (com contrabaixo e bateria) e em vários duetos. Nos concertos a solo, a sua combinação única de improvisações sobre *standards* de *jazz*, canções *pop* e temas de grandes compositores clássicos, bem como as suas próprias composições, são elogiadas pelo público e pela crítica de todo o mundo. O seu mais recente álbum, *A Modern Songbook*, abrange 125 anos de canções, de Carole King a Sting, de Gabriel Fauré a James Blake, de Serge

Gainsbourg aos London Grammar, de Nick Drake a Silvio Rodríguez. Em 2023, os quatro concertos esgotados na Filarmónica de Paris, nos quais reinterpreto o lendário *Köln Concert* de Keith Jarrett, ficaram gravados na memória dos 4000 espectadores presentes.

Como pianista de música clássica, toca regularmente concertos de Mozart (K. 491 e K. 467), Ravel (*Concerto em Sol*), Gershwin (*Concerto em Fá, Rhapsody in Blue*), bem como os seus próprios concertos (*Concerto para Piano e Orquestra*, *Concerto Duplo para Marimba, Piano e Orquestra* e *Le Murmure des Oiseaux: Rapsódia para Violino, Piano e Orquestra de Câmara*). Apresentou-se como solista com as orquestras sinfónicas de Quioto, Sapporo, Kanazawa Orchestra Ensemble, Tonhalle-Orchester Zürich, Orquestra Sinfónica de Tenerife, Orquestra Nacional de Bordéus, Orquestras Nacionais de França, de Avignon, de Cannes, de Picardie, Orchestre de Pau Pays de Béarn, Ensemble Appassionato, Insula Orchestra, e com os maestros Junichi Hirokami, Jean-Claude Casadesu, Fayçal Karoui, Alondra de la Parra, Julien Masmondet, James Gaffigan, Pierre Dumoussaud, Laurence Equilbey, Mathieu Herzog, Samuel Jean, Benjamin Lévy e Johanna Malangré.

Como compositor, recebe regularmente encomendas de orquestras, *ensembles* de música de câmara, coros e solistas. Compôs três obras sinfónicas e várias peças para piano, coro, quarteto de cordas, quintetos de sopros e metais (algumas das quais foram editadas pela Sony, Naïve, Mirare e Klarthe). As suas duas últimas bandas sonoras foram para os filmes *Elle & Lui et le reste du monde* (2024), da realizadora francesa Emmanuelle Belohradsky, e *Un Mondo in Più* (2021), do realizador italiano Luigi Pane.

Entre os prémios e distinções que Thomas Enhco recebeu, contam-se o Grande Prémio SACEM de Jazz 2020, o Victoires du Jazz 2013, o 2.º Grande Prémio no Concurso Internacional de Música de Câmara de Osaka 2017, o FIPA d'Or para Melhor Banda Sonora em 2012 (graças a

Les Cinq Parties du Monde do realizador francês Gérard Mordillat), o prémio Django d'Or «New Talent» 2010 e o 3.º Grande Prémio no Concurso Internacional de Piano Jazz Martial Solal 2010.

Atuou e gravou ao lado de artistas de jazz, música clássica, *pop*, teatro, dança, literatura e artistas visuais como Jack DeJohnette, John Patitucci, Didier Lockwood, David Enhco, Kurt Rosenwinkel, Chris Potter, Yamandu Costa, Paquito d'Rivera, José James, Peter Erskine, Kevin Hays, Ibrahim Maalouf, Gilad Hekselman, Mike Stern, Dan Tepfer, Cyrille Aimée, Scott Colley, Maria João Pires, Henri Demarquette, Khatia Buniatishvili, Emiliano Gonzalez-Toro, Sarah Nemtanu, Alexis Cardenas, Renaud Capuçon, Lise de la Salle, Caroline Casadesus, Natalie Dessay, Michel Dalberto, Laurent Naouri, Anne-Sofie Von Otter, Beatrice Rana, Thibaut Garcia, Félicien Brut, Maki Namekawa, os quartetos de cordas Quatuor Ébène, Arod, Hanson, Modigliani, Coro da Rádio França, Spirito Choir, David Lescot, Nicolas Mathieu, Aurélia Aurita, Marie-Claude Pietragalla, Tim Dup, Jane Birkin, MC Solaar ou Clara Ysé. De 2013 a 2021, Thomas Enhco foi apoiado nos seus projetos pela Fundação BNP Paribas.

Pedro Neves

Direção musical

Pedro Neves é atualmente diretor artístico e maestro titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa. Paralelamente, desempenha as funções de maestro titular da Orquestra Clássica de Espinho. Foi maestro titular da Orquestra do Algarve entre 2011 e 2013, e posteriormente, maestro associado da Orquestra Gulbenkian, entre 2013 e 2018. É convidado regularmente para dirigir a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra Clássica da Madeira, a Orquestra Sinfónica do Estado de São

Paulo, a Orquestra Sinfónica de Porto Alegre, a Orquestra Filarmonica do Luxemburgo e a Real Filarmonia da Galiza. No âmbito da música contemporânea, tem colaborado com o Sond'arte Electric Ensemble, com o qual realizou estreias de vários compositores portugueses e estrangeiros, realizando digressões pela Coreia do Sul e Japão. Também com o Remix Ensemble Casa da Música, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e o Síntese Grupo de Música Contemporânea. É fundador da Camerata Alma Mater, agrupamento dedicado à interpretação de repertório para orquestra de cordas e com a qual tem recebido uma elogiosa aceitação por parte do público e da crítica especializada.

Pedro Neves iniciou os seus estudos musicais em Águeda, sua terra natal. Estudou violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera; respetivamente, no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. No que respeita à Direção de Orquestra, estudou com Jean-Marc Burfin, obtendo o grau de Licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra, com Emilio Pomarico, em Milão, e com Michael Zilm, de quem foi assistente. O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical.

Orquestra Metropolitana de Lisboa

A Orquestra Metropolitana de Lisboa é pedra angular de um projeto que se estende além do formato habitual de uma orquestra clássica. Quando se apresentou pela primeira vez em público a 10 de junho de 1992, anunciou o propósito de fazer confluir as missões artística, pedagógica e cívica. Estreou obras de grande parte dos compositores portugueses no ativo e, para

lá da música que se reconhece na tradição clássica europeia, toca ainda outros estilos e tradições, tendo já partilhado palco com os Xutos & Pontapés, Carlos do Carmo, Rui Veloso, Mário Laginha, Tito Paris, Sérgio Godinho e muitos outros.

Entre muitos, foi dirigida pelos maestros Enrique Dimecke, Arild Remmereit,

Christopher Hogwood, Theodor Guschlbauer, Emilio Pomarico e, mais regularmente, Nicholas Kraemer, Brian Schembri (Maestro Titular em 2003/2004), Olivier Cuendet, Enrico Onofri e Michael Zilm.

Pedro Neves é, desde janeiro de 2021, Diretor Artístico e Maestro Titular.

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

Flautas

Nuno Inácio

Janete Santos

Oboés

Sally Dean

Carla Pereira

Clarinetes

Nuno Silva

Jorge Camacho

Fagotes

Lurdes Carneiro

Rafaela Oliveira

Trompas

Daniel Canas

Jérôme Arnouf

Trompetes

Sérgio Charrinho

João Moreira

Trombone

Paulo Alves¹

Tímpanos

Rodrigo Azevedo

Percussão

Tomás Rosa¹

Miguel Herrera¹

Bernardo Ramos²

Harpa

Ana Ester Santos¹

Celesta

Duarte Bento²

Primeiros Violinos

Ana Pereira *concertino*

José Pereira

Nuno Rodrigues

Alexêi Tolpygo

Tolga Kulak

Diana Tzonkova

Mariana Moita

Segundos Violinos

Ágnes Sárosi

José Teixeira

Sofia Ruivo¹

Anzhela Akopyan

Daniela Radu

Nonna Manicheva

Violas

Joana Cipriano

José Freitas

Andrei Ratnikov

Leonel Andrade

Sérgio Sousa

Violoncelos

Nuno Abreu

Catarina Gonçalves

Jian Hong

Tiago Mirra

Contrabaixos

Ercle de Conca

Vladimir Kouznetsov

¹ Convidado/a

² Aluno ANSO

METROPOLITANA

Diretor executivo **Miguel Honrado**
Diretor artístico **Pedro Neves**
Diretor pedagógico **Yan Mikirtumov**
Diretora administrativa e financeira **Fátima Angélico**

www.metropolitana.pt
facebook.com/metropolitanalx
Travessa da Galé 36, Junqueira
1349-028 Lisboa, Tel.: (+351) 213 617 320

FUNDADORES



Ministério da Cultura
Ministério da Educação

Ministério do Trabalho,
Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo
Secretaria de Estado da Juventude e Desporto

COM O APOIO DE



PROMOTORES

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal de Lourinhã
Câmara Municipal de Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

PARCEIROS

Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



PATROCINADOR BOLSAS DE ESTUDO ANSO

PARCEIROS MEDIA



PATROCINADOR PRINCIPAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

PATROCINADORES



GIRODMÉDIAS PT

PARCERIAS

São Luiz Teatro Municipal
Universidade Nova de Lisboa
Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional
de Clarinete de Lisboa

CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão
Casa Fernando Pessoa
Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva
Secretaria-Geral da Educação

Fundação Oriente
Academia das Ciências de Lisboa
Museu Nacional dos Coches
Museu Nacional da Música
Junta de Freguesia de Alcântara
Sociedade Nacional de Belas Artes

ESTE CONCERTO PODE SER FILMADO E/OU FOTOGRAFADO PELA PRODUÇÃO.
CASO NÃO AUTORIZE O REGISTO DA SUA IMAGEM CONTACTE O RELações PÚBLICAS NO LOCAL.

PRÓXIMO CONCERTO

2 MAR

**CONCERTO DE CARNAVAL
ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA**

As orquestras e o repertório clássicos são instituições curiosas. De relance, parecem muito sérias e eruditas. Porém, quando nos aproximamos um pouco mais... há aspetos que espelham aqueles episódios da nossa vida em que a tragédia e a comédia se confundem. Pois então, a música é bom remédio. Os instrumentos mascaram-se nos papéis que os compositores lhes mandam. O público e os músicos mascaram-se como bem lhes apetece. É o tradicional (e imperdível) Concerto de Carnaval da Metropolitana.

Domingo, 11h00 e 17h00
Grande Auditório

Coprodução Centro Cultural de Belém, Metropolitana

CCB

Conselho de
Administração
Presidente
**Nuno Vassallo e
Silva**
Vogal
Madalena Reis
Vogal
Delfim Sardo

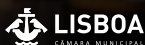
Diretora Artística de
Artes Performativas e
Pensamento
Aida Tavares
Coordenadora Geral
Executiva de Artes
Performativas e
Pensamento
Cláudia Belchior
Programadores
Cesário Costa
Fernando Luís Sampaio
Madalena Wallenstein

Diretora de
Comunicação e
Marketing
Catarina Figueira
Diretor de Edifícios e
Instalações Técnicas
António Ribeiro
Diretor Financeiro e
Administrativo
Francisco Sacadura
Diretor de Recursos
Humanos
Jorge Carvalheira
Diretor Jurídico/
Contratação
João Caré

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025



APOIO
MEDIA



O EL CORTE INGLÉS APOIA O PROGRAMA
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA DO CCB

